

# ***Linha branca da férias coletivas***

São Paulo — Nem sempre a reação à crise nas vendas é uma promoção criativa. As indústrias de geladeiras, freezers, fogões e máquinas de lavar roupas e louças preferiram dar férias coletivas aos funcionários da linha de produção por períodos que variam de dez a 20 dias — os 3.800 funcionários da Cônsul e os 1.680 da Prosdócimo retomaram as atividades ontem, depois de dez dias de folga, mas a produção continua parada na Continental 2001, Clímax e na Brastemp, cujas férias coletivas começaram ontem e deverão terminar no dia 28. Outras indústrias de eletrodomésticos e eletroeletrônicos, como Philco e Arno, não descartam a possibilidade de também adotarem as férias coletivas, principalmente se os resultados de outubro não conseguirem recuperar as quedas de até 30% nas vendas.

O fantasma da demissão, por enquanto, não assusta a maioria das empresas. A exceção fica com a fábrica de fundição da Cofap, em Mauá, que está ameaçando demitir 450 funcionários. A informação já chegou extra-oficialmente ao Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, mas a Cofap prefere não confirmar, evitando inclusive a imprensa. Comenta-se que a Cofap pretende incentivar a demissão voluntária, com bônus de 1 a 3 salários mínimos, de acordo com o tempo de casa do funcionário. A notícia está aterrorizando o sindicato porque, em primeiro lugar, a indústria de autopeças não atravessa um momento de vendas baixas — a produção das montadoras cresce a cada mês e, portanto, suas encomendas ao setor de autopeças também devem estar crescentes. Em segundo lugar, como a Cofap tinha 11 mil funcionários em janeiro de 1990 e hoje tem 7.965, o sindicato imaginava que o ajuste já tivesse ocorrido.

“Não está fácil para ninguém, principalmente enquanto durar essa **sinistrose** no bolso do consumidor”, reclama Mário Guy Mariz.